

BANDEIRA DO MASTRO DAS BANDAS DE CONGO UM ESPAÇO NA TRADIÇÃO PARA AS ARTES PLÁSTICAS CAPIXABAS

SANDRA REGINA RIBEIRO DA SILVA *
AISSA AFONSO GUIMARÃES **

Introdução

Este artigo investiga as expressões das artes plásticas populares contidas nas Bandeiras do Mastro e nos Estandartes das bandas de congo de Vila Velha e Vitória, uma vez que não há no Espírito Santo, após um primeiro levantamento, quantidade expressiva de trabalhos voltados para esta temática. A escolha das bandeiras dos mastros e dos estandartes das bandas de congo se deu pela observação da importância artística e cultural destes objetos, que representam, dentro desta manifestação popular, uma diversidade de expressões artísticas, formando galerias públicas, que conservam características da alma popular, consagradas na reatualização das festas e na devoção aos santos. Neste artigo, trabalharemos apenas uma amostra a partir de seis imagens de bandeiras e estandartes.

As bandas de congo pesquisadas em Vila Velha foram: São Benedito da Glória, no bairro Glória; Mestre Alcides, Mestre Honório e Tambor de Jacarenema, na Barra do Jucu. E, em Vitória, as bandas: Amores da Lua, no bairro Santa Marta; Panela de Barro, no bairro Goiabeiras Velha e a Viramundo, no bairro Morro da Fonte Grande.

Percebemos através de entrevistas¹ com artistas, pesquisadores, mestres e integrantes das bandas de congo que, em Vitória e em Vila Velha, a maioria das bandeiras e dos estandartes é pintada por artistas plásticos, sendo que, nos casos estudados, os artistas são pessoas inseridas, de um modo geral, nas bandas específicas ou tradição do congo.

Diferente do modo como ocorre no interior do Estado, em que as bandeiras e os estandartes "são pintados por pessoas da comunidade, no caso artistas populares, onde as bandeiras e os estandartes são sempre um espaço dinâmico da cultura popular que permite inclusive a renovação anualmente na comunidade"², em Vitória e Vila Velha, esses objetos são "únicos", isto é, são os mesmos a serem usados todos os anos, por vezes são restaurados, já que são feitos por artistas famosos, mas recebem, a cada ano, nova ornamentação com fitas e flores, como se pode observar nas Figuras 3, 4 e 5.

As bandeiras e os estandartes têm suas funções simbólicas específicas dentro das bandas de congo. A principal função da bandeira é identificar o grupo, com o nome da banda, o local de origem e, por vezes, representar as cores da banda. Na ocasião dos preparativos para o festejo, a bandeira tem também a função de representar a banda, quando os componentes das bandas batem de porta em porta, recolhendo donativos para o festejo.

Através da pintura se reverencia o santo da devoção. As bandas de congo podem ter mais de um santo de devoção, como São Benedito, São Sebastião, Santo Expedito e Nossa Senhora. Privilegiamos, nessa pesquisa, a análise das bandeiras e dos estandartes de São Benedito, que é o homenageado principal no contexto das bandas pesquisadas.

Para Reginaldo Sales, mestre da Banda de Congo Amores da Lua, ao perguntarmos sobre a função das bandeiras ele diz,

a bandeira é o símbolo da festa do santo, por exemplo, a bandeira



Figura 1 – Bandeira do Mastro da Banda de Congo São Benedito da Glória, acrílica sobre cetim, pintada por Cuca Gomes

* Aluna bolsista UFES/PIBIC
sandra-luca@hotmail.com

** Professora Adjunta UFES/CAR
aissaguimas@yahoo.com.br

1 O registro fotográfico e as entrevistas foram realizados pela autora Sandra Regina Ribeiro da Silva, durante a pesquisa de campo.

2 Entrevista realizada com o historiador Eliomar Mazoco, em junho de 2007, Vitória - ES.

Foto: Sandra Regina



Figura 2 – Bandeira do Mastro da Banda de Congo Tambor de Jacarenema, acrílica sobre tela, pintada por Hélio Coelho

de São Benedito homenageia São Benedito, então a bandeira é o símbolo daquela festa, daquela organização, daquela devoção, a bandeira é uma obra de arte, é um símbolo do santo, da devoção, se você sai com a puxada na rua e não tá a bandeira de São Benedito ali, a gente acha que não tem motivação, aquilo é uma origem, uma devoção ao santo³.

Observamos, na pesquisa de campo, três tipos de bandeiras: a bandeira do mastro, que é uma caixa de madeira pintada nos dois lados e fixada no alto do mastro; uma outra que é a bandeira estandarte, normalmente conduzida nas ruas durante os festejos do mastro; e uma terceira observada apenas na Banda de Congo Amores da Lua, confeccionada com as cores da banda azul e branco, e colocada em uma haste de madeira, que também é levada na rua. Todas as bandas de congo têm a bandeira do mastro e os estandartes, exceto a banda Viramundo, que só tem o estandarte, já que não pratica o ritual de "fincada" e "puxada" do mastro⁴.

Objetivos

Destacamos como objetivo geral a problematização das bandeiras e dos estandartes do congo, como espaço de expressão dentro das artes plásticas populares, identificando e analisando os elementos estéticos nelas contidos.

A análise das obras se desenvolveu por meio de comparações e relações entre as pinturas das bandeiras do mastro e dos estandartes, as referências à iconografia tradicional de São Benedito, e as interpretações das pinturas pelos artistas que pintaram cada bandeira separadamente, além dos depoimentos de intelectuais e integrantes das bandas.

Metodologia

A metodologia iniciou-se pelo levantamento bibliográfico e investigação de questões pertinentes à nossa temática, seguida da pesquisa de campo sobre a festa do mastro, das entrevistas e da análise interpretativa dos significados e das funções das bandeiras e dos estandartes na tradição da festa. A análise bibliográfica permeou todo o processo de pesquisa de campo, para a qual foi elaborado um roteiro de acompanhamento dos preparativos e das festividades dos anos de 2006/2007, ocasião em que foi realizada a maior parte do registro fotográfico.

A pesquisa de campo teve início com o acompanhamento e com o registro fotográfico das festividades de "fincada" e "puxada" do mastro dos anos 2006/2007, seguido pelas entrevistas com os artistas, que pintaram as bandeiras e os estandartes, os mestres e integrantes das bandas de congo. No objetivo de respondermos às questões levantadas, elaboramos um roteiro para as entrevistas, as quais foram realizadas em encontros, previamente agendados com os entrevistados, em suas residências e locais de trabalho. Procuramos entrevistar os pintores de todas as bandeiras e dos estandartes das bandas pesquisadas, assim como mestres e integrantes das bandas, intelectuais e pesquisadores do folclore capixaba, devido ao conhecimento e inserção de todos os entrevistados, nessa tradição.

Vale ressaltar a receptividade das pessoas contactadas e a importância dos depoimentos que nos deram o suporte necessário para a execução da pesquisa; por isso os citaremos nominalmente, são eles: Reginaldo Sales (mestre) e Ricardo Sales (integrante) da Banda de Congo Amores da Lua; Cuca (artista) da Banda de Congo de São Benedito da Glória; Kléber Galvêas (artista) da Banda de Congo Mestre Honório; Dona Dorinha e Marina (integrantes), Nena Bergmann (artista), Hélio Coelho (artista), Guilherme Merçon (artista), da Banda de Congo Tambor de Jacarenema e Eliomar Mazoco (presidente da comissão capixaba de folclore).

³ Entrevista realizada com Reginaldo Salles, mestre da Banda de Congo Amores da Lua, em junho de 2007, Vitória-ES.

⁴ A fincada e puxada do mastro são momentos importantes dentro dos festejos da tradição do congo, acontecem anualmente, e são realizados pela maioria das Bandas de Congo do Espírito Santo.

No contato com os entrevistados fazíamos as apresentações, momento em que explicávamos o objetivo da entrevista. Num segundo momento, iniciávamos as perguntas através de um questionário previamente elaborado, onde a ordem das perguntas surgia conforme a conversa fluía, de maneira que, muitas vezes, surgiram novas perguntas fora do roteiro de entrevista, que completavam o entendimento.

Depois da organização, transcrição e seleção do material coletado nas entrevistas, recorremos aos títulos bibliográficos referentes ao folclore capixaba, à cultura brasileira e à iconografia tradicional para fundamentarmos a análise estética das obras dentro de cada banda de congo, dialogando com os artistas que as pintaram.

Desenvolvimento Temático

Bandas de Congo em Vila Velha

As Bandas de Congo de Vila Velha têm a maioria de suas bandeiras e de seus estandartes pintados por artistas consagrados, como Kléber Galvêas, Guilherme Merçon e Hélio Coelho, e parte deles pintados por artistas populares, como Cuca, Nena Bergmann, Heidi Lieberman e Miguel Carlos. Analisaremos aqui duas bandeiras e um estandarte.

Na Bandeira do Mastro da Banda de Congo de São Benedito da Glória a pintura mantém a representação da iconografia tradicional - apresenta São Benedito carregando o menino Jesus nos braços ao lado esquerdo, sobre um manto e com o crucifixo nas mãos. O cenário é uma paisagem com uma estradinha, um campo florido e montanhas ao fundo, com a frase "Salve São Benedito", centralizada na parte inferior da pintura. A Bandeira é ainda ornamentada com fitas.

Sobre suas pinturas, Cuca Gomes diz:

me chegou a foto da bandeira da Glória original, antiga, primeiro eu tentei fazer o mais parecido com ela possível, prá resgatar, porque quem fez aquela bandeira sabia muito bem de pintura, dá prá ver que tinha um espaço, e a paisagem dela, inclusive eu nem consegui fazer tão boa quanto, a pessoa que fez aquela lá tinha uma noção de espaço, o fundo dela, a perspectiva, então eu vi que era um bom trabalho e falei, vou fazer uma igual, a da Glória, aí depois sem querer eu fui colocando características minhas, em todas as bandeiras que eu fiz, procurei não sair desse aqui, desse fundo, porque tem uma história de São Benedito que ele vinha por uma estradinha, aí parece que os soldados pararam ele, não sei bem certo não, tem também uma história essas flores, então procurei não sair disso, mas cada uma que eu fiz tem esse fundo diferente, mas sempre com esse espaço, a estradinha e as flores⁶.

A pintura da Bandeira do Mastro da Banda de Congo Tambor de Jacarenema também estabelece relações com aspectos da iconografia tradicional, o São Benedito é representado de corpo quase inteiro, usando o hábito franciscano e o cordão da ordem na cintura. Difere das demais pinturas e representações, na medida em que o santo segura um buquê de flores no braço esquerdo, ao invés do menino Jesus. No cenário de fundo, repleto de flores coloridas, prevalece a cor azul.

Sobre a técnica usada em sua pintura, o artista Hélio Coelho diz, "uso tinta acrílica sobre tela, eles me mandaram uma caixa de compensado e eu revesti com a tela, depois esses adornos de fitas, esses elementos que dão mais graça e quem os fez foi o pessoal da banda, pra ficar mais coletivo ainda"⁶.



Figura 3 – Estandarte da Banda de Congo Mestre Honório, acrílica sobre lonita, pintado por Kléber Galvêas

⁶ Entrevista realizada com o artista popular Cuca Gomes, em junho de 2007, Vila Velha - ES.

⁸ Entrevista realizada com Hélio Coelho, artista plástico, em junho de 2007, Vila Velha - ES.

⁷ Entrevista realizada com o artista plástico Kléber Galvêas, em junho de 2007, Vila Velha - ES.

Foto: Sandra Regina



Figura 4 – Bandeira e Estandarte da Banda de Congo Amores da Lua, pintados por Gilmar

O artista plástico Kléber Galvêas comenta a originalidade característica desta obra, ele diz: "O Hélio Coelho é um artista gráfico por excelência, você pode entender como uma arte feita, que se reproduzida perde pouco da qualidade, o jeito de pintar são as nuances, são placas de cores"⁷.

Como as demais, a pintura do Estandarte da Banda de Congo Mestre Honório, de Kléber Galvêas, representa o santo, São Benedito, de modo tradicional, vestindo o hábito franciscano, com o menino Jesus nos braços sobre o manto do lado esquerdo. A paisagem remete-se ao lugar de origem da Banda, a Barra do Jucu; a representação do santo no alto de um morro nos mostra uma visão panorâmica do litoral da Barra, representada pelo mar, coqueiros e mata, referindo-se à natureza abundante da região.

Essa daqui eu tive a idéia de colocar o São Benedito em cenário, também foi uma criação da gente, antigamente ele só era representado com passarinhos, com flores, com estrelas, aí a gente passou a colocar ele no lugar. Aqui é a praia do Barrão e aqui é como se ele tivesse lá do interior olhando para o litoral, antigamente as bandeiras não tinham paisagens⁸.

O estandarte vem ainda com o nome Barra do Jucu, no lado direito da parte superior do quadro, e a frase "Viva São Benedito da Barra do Jucu Vila Velha – Espírito Santo", centralizada na parte inferior, além da ornamentação com uma barra de flores pintadas, fitas e flores de pano, conforme podemos observar na fotografia.

Bandas de Congo em Vitória

Na Banda de Congo Amores da Lua, a Bandeira do Mastro e os Estandartes foram pintados pelo artista popular Gilmar, já a Bandeira do Mastro assim como o Estandarte da Banda de Congo Painela de Barro foram pintados pela artista plástica Mariângela Pelerano, e na Banda de Congo Viramundo, o Estandarte foi pintado pelo coordenador da banda Renato Santos.

Na visão de Renato Santos, o estandarte da banda Viramundo, pintado por ele, "não é uma obra de arte, mas sim uma coisa voltada para banda de congo, sem pretensão de ser arte, apenas uma coisa ilustrativa, um símbolo, um dos ícones que diferencia uma banda da outra, não tendo função artística"⁹.

Nessa imagem aparece uma bandeira com as cores da Banda Amores da Lua, azul e branco, e um estandarte com uma pintura que também remete à iconografia tradicional, o santo carrega o Menino Jesus nos braços, sobre um manto, vestindo o hábito franciscano, com o cordão da ordem, sendo que, neste caso, o Menino é carregado ao lado direito. O cenário é uma paisagem com coqueiros, uma estradinha e morros ao fundo. O artista usa purpurina sobre a pintura e o estandarte é ornamentado com franjas e fitas.

A pintura do Estandarte da Banda de Congo Painela de Barro tem características bastante tradicionais no que diz respeito ao santo representado. São Benedito veste o hábito franciscano, carrega o Menino Jesus nos braços sobre um manto, carrega um crucifixo na cintura e o cordão da ordem no pescoço. Novamente aqui, como na pintura de Gilmar (Fig. 4), o Menino Jesus aparece carregado, com a cabeça no braço direito do santo. No entanto, diferente das outras pinturas analisadas, não apresenta cenário, o que nos remete à representação de uma imagem esculpida, vista pelo ângulo frontal. O nome "São Benedito", como nas outras imagens que contêm escritos, localiza-se centralizado na parte inferior da imagem e o estandarte ornamentado com fitas.

A pintura do Estandarte da Banda de Congo Viramundo, dentre todas, é a única que não

⁷ Idem, ib.

⁸ Entrevista realizada com o coordenador da banda Viramundo, Renato Santos, em junho de 2007, Vitória - ES.

trabalha diretamente com os elementos da iconografia tradicional; São Benedito aparece vestido com um hábito azul, sem crucifixo aparente, sem manto, segurando o Menino Jesus na mão direita em pé, e não nos braços; a pintura não apresenta paisagem ou cenário, assim como na Figura 5. As cores que prevalecem são o azul, o rosa e o branco.

Segundo Renato Santos, que também é o coordenador da Banda Viramundo, ao perguntarmos sobre as influências das artes plásticas nesta pintura, ele diz:

Aqui eu segui mais a linha da origem da banda, é uma banda que veio de pessoas ligadas ao movimento da igreja, não exatamente da igreja, aqui tinha uma religião que misturava a linha da igreja com a religião afro-brasileira que é um tipo de religião que caiu de moda, no esquecimento, isso é pra lembrar que existe essa visão do cristianismo, mas uma homenagem a essas pessoas que tiveram essa religião¹⁰.

A pintura do artista popular Renato Santos, dentre as imagens analisadas aqui é, portanto, a que mais se destaca, por ser aquela que utiliza maior número de elementos diferentes daqueles da iconografia tradicional. O artista justifica a presença desses elementos na sua obra pela espontaneidade do artista popular, que traz através de uma memória simbólica a abertura para a criação artística.

Conclusões

Este artigo é parte da pesquisa realizada dentro do programa de iniciação científica da Ufes (PIBIC/UFES – 2006/2007). Nele, analisamos as bandeiras e os estandartes das bandas de congo capixabas, especialmente de Vila Velha e de Vitória, como lugar de expressão artística, compreendendo este lugar dentro da tradição popular do congo capixaba, no âmbito das suas relações constitutivas de espaços dinâmicos de expressões artísticas.

Estes espaços permitem, tanto a renovação da expressão artística popular, quando são ocupados por artistas sem formação nem conhecimento erudito no campo das artes, integrantes, na maioria das vezes, das respectivas bandas, quanto o reconhecimento e a consagração das obras pintadas por artistas plásticos. Os motivos diversos que levam a este reconhecimento não serão abordados aqui, assim como outras questões, que surgiram ao término da pesquisa. No entanto, as discussões apontadas na conclusão deste texto constituem parte do resultado deste trabalho, e nos indicam pistas e caminhos para a continuidade desta pesquisa em futuros projetos.

A questão ligada diretamente ao recorte do nosso objeto neste artigo, que trata das expressões das artes plásticas populares contidas nas Bandeiras do Mastro e nos Estandartes das Bandas de Congo, e que não se esgota aqui, suscita interpretações distintas por parte dos artistas. Numa primeira análise, a maioria dos entrevistados afirma serem as bandeiras e os estandartes obras de arte, inclusive, muitos nomeiam estilos artísticos, como: naïf; primitivo; gráfico; impressionista; popular; barroco; folclórico; surrealista, etc. para descreverem as pinturas.

Para o artista Kléber Galvêas, uma bandeira pode ser definida tanto como arte popular, tanto como erudita, o que varia conforme o artista que a pintou.

a bandeira é arte popular se foi feita por uma pessoa sem formação acadêmica; se ela foi pintada por uma pessoa de formação acadêmica ela passa a ser erudita, mas com função popular. Do mesmo jeito que existe uma divisão que contempla arte sacra, (...). A bandeira



Figura 5 – Estandarte da Banda de Congo Panela de Barro, pintado pela artista plástica Mariângela Pelegrano

¹⁰ Idem, ib.

¹¹ Entrevista com o artista plástico, Kléber Galvêas, em junho de 2007, Vila Velha -ES.

Foto: Sandra Regina



Figura 6 – Estandarte da Banda de Congo Viamundo, tinta para tecido sobre lame, pintado por Renato Santos

poderia ser considerada ainda como arte folclórica, criar talvez aí um compartimento didático. As bandeiras têm uma função, um parentesco mais próximo do artesanato, são produzidas com uma função e finalidades específicas, representações de arte popular, arte folclórica, mas com parentesco com o artesanato¹¹.

Mazoco define as bandeiras e os estandartes enquanto obras de arte relacionadas à emoção estética por elas suscitadas, independente do contexto, acadêmico ou popular, no qual foram criadas.

as bandeiras são obras de arte sim, como qualquer uma feita no ambiente acadêmico, universitário, do ambiente erudito; são processos de criação mental, assim como a cultura popular é uma criação da mente humana como resposta às necessidades da vida e nesse sentido ela é obra de arte pura (...); são obras da cultura e basta viver para você ver todos os seus sentimentos aflorados e eu acho que isso é uma definição fundamental para que algo seja uma obra de arte, senão me comover em nada do amor ao ódio, senão me trazer sentimentos¹².

Já o depoimento do artista plástico Guilherme Merçon discute a questão do ponto de vista do gosto e da beleza.

as pinturas feitas pelas pessoas do povo são muito mais bonitas, porque elas surpreendem bem mais do que as pinturas dos profissionais, em geral porque a pessoa que pinta por hobby em cidades do interior carrega uma tradição muito grande da sua cultura, sendo assim ela traduz de forma própria e isso traz particularidades¹³.

Nos casos em que as bandeiras são consideradas obras de arte, pelo valor estético e, por serem criações de artistas plásticos, percebemos uma dupla inversão, a primeira, relacionada à ocupação dos espaços tradicionais da festa e outra, que diz respeito ao modo como esses objetos são legitimados, uma vez que esses objetos, na tradição do congo, só ganham legitimidade associados às suas funções, aos usos e às representações simbólicas devotadas a eles na estrutura da festa, e não pelo valor de exposição.

Concluimos que as perspectivas distintas, apresentadas aqui, se interrelacionam sem limites específicos, devido à complexidade do tema e ao fato de que toda discussão teórica e conceitual no campo das tradições populares se constrói como uma possibilidade de mediar o universo acadêmico com universos específicos das culturas populares.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ALTWALTER, Donald. Dicionário de santos. São Paulo: Art. Editora, 1991.

ARGAN, Giulio Carlo. Arte moderna, São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BARROS, Paula Guedes. Bandas de congo da Barra do Jucu, Vitória: Estado do Espírito Santo, 1983.

¹² Entrevista com o historiador, Eliomar Mazoco, em junho de 2007, Vitória - ES.

¹³ Entrevista com o artista plástico, Guilherme Merçon, em junho de 2007, Vila Velha - ES.

- BICALHO, Leonardo. O congo de São Benedito na ilha de Nossa Senhora da Vitória. Vitória: Prefeitura Municipal, 2000.
- COELHO, Beatriz. Devoção e arte: imaginária religiosa em Minas Gerais. São Paulo: EDUSP, 2005.
- CUNHA, Maria José Assunção. Iconografia cristã. Ouro preto: UFOP/IAC, 1993.
- ELTON, Leonardo. Coleção Elmo Elton 5 – Goiabeiras, Vitória: Secretaria Municipal de Cultura, 2000.
- ETZEL, Eduardo. Arte sacra popular: berço da arte sacra brasileira. São Paulo: Melhoramentos, 1984.
- ETZEL, Eduardo. Imagem sacra brasileira. São Paulo: Melhoramentos, 1979.
- FUNARTE. Atlas folclórico do Brasil. Espírito Santo, Rio de Janeiro: Funarte, 1983.
- NEVES, Guilherme Santos. Bandas de congo. Coleção: Cadernos de Folclore, Vitória: FUNARTE e MEC, 1980.
- NEVES, Guilherme Santos. Folclore brasileiro. Espírito Santo, Rio de Janeiro: FUNARTE, 1978.
- ORTIZ, Renato. Cultura brasileira & identidade nacional. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- PACHECO, Renato; NEVES, Luís Guilherme Santos. Índice do folclore capixaba. Vitória: Governo do Estado do Espírito Santo, 1994.